

KARL HELBIG: *Antiguales (Altertümer) der Paya-Region und die Paya-Indianer von Nordost-Honduras* (Auf Grund einer geografischen Erkundungsreise im Jahre 1953). 40 págs., com 3 mapas, 16 ilustr. no texto e 45 fotografias. Beiträge zur mittelamerikanischen Völkerkunde, vol. III. Hamburgisches Museum für Völkerkunde und Vorgeschichte. Hamburgo, 1956.

No segundo semestre de 1953, Helbig realizou uma expedição geográfica a Mosquitia, baixada norte-oriental de Honduras. Nessa ocasião teve ensejo de estudar numerosos "antiguales", nome com que em Honduras se designam todos os achados de interêsse pré-histórico. Na presente publicação examina diversas formas de "metates" ou pedras de moer, apresenta as peças de cerâmica pré-histórica mais notáveis das coleções existentes naquela república e faz referência a ruínas, cemitérios e outros sítios. Bem sugestivos são os capítulos finais do trabalho, em que se esboçam as linhas gerais da antiga cultura paya, característica da chamada "região caraíba" e ricamente representada nos achados arqueológicos, como os problemas da identificação étnica de seus portadores. Com referência às ligações dos atuais Paya com êsses habitantes pré-históricos, Helbig se manifesta de maneira indecisa, embora admita uma certa continuidade. Discute também as possíveis influências maya através da cultura "chorotega", segundo a teoria de Spinden, bem como a opinião de Lunardi, que prefere enquadrar simplesmente todo o território hondurenho no domínio da cultura maya.

A cautela com que o diligente pesquisador formula as suas idéias e pesa os argumentos aumentam a confiança em suas produções científicas.

*Egon Schaden*

JUAN ALFONSO CARRIZO: *Historia del Folklore Argentino*. 187 págs. Instituto Nacional de la Tradición. Buenos Aires, 1953.

A intenção do autor, definida no parágrafo inicial da introdução, é guiar os estudantes interessados em conhecer as tradições populares argentinas. Êsse objetivo foi alcançado plenamente com a relação crítica das obras e relatos folclóricos que apresenta; pois o livro, se não chega a ser no verdadeiro sentido da palavra uma história do folclóre argentino, é uma compilação exaustiva das fontes para êste estudo. Além disso, apresenta um panorama geral das instituições e publicações regulares dedicadas ao assunto.

Cada capítulo é dedicado a uma forma de expressão popular, resumindo o que foi feito em cada campo, com abundantes informações. E' inegável o valor de uma obra como esta para os investigadores, e tôdas as iniciativas nesse sentido devem ser recebidas com aplausos.

*Ruth Correa Leite Cardoso*

FERNANDO DE AZEVEDO: "A Antropologia e a Sociologia no Brasil" (vol. 2.º, págs. 359-399) in *As Ciências no Brasil*, ed. por F. de Azevedo. 2 vols. 412 e 399 págs., com numerosas pranchas. Edições Melhoramentos. São Paulo, s. d.

Não é fácil encontrar entre as publicações brasileiras dos últimos dois ou três anos uma que tenha a importância de "As ciências no Brasil", organizada por Fernando de Azevedo e publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Aos olhos do leitor dos dois compactos volumes, que



somam mais de oitocentas páginas, desenrola-se um grandioso painel. Já na Introdução, Fernando de Azevedo, em maciço ensaio sociológico de mais de quarenta páginas, expõe de maneira original e com muita viveza a maneira pela qual as atividades científicas no Brasil encontram no meio social, econômico e político as condições e o estímulo para o seu desenvolvimento, e mostra, por outro lado, como os entraves e embaraços se explicam por ideologias e preconceitos oriundos do próprio processo social. Exímio conhecedor da evolução cultural e social brasileiras, o cientista, traçando com mão firme os contornos do quadro em que havia de situar-se a história das ciências no Brasil, aponta os fatores e as condições peculiares ao nosso meio. — Segue-se o corpo da obra, em que catorze especialistas altamente qualificados expõem as vicissitudes do caminho quase sempre penoso que as suas disciplinas científicas percorreram, para alcançarem, no Brasil, o grau de desenvolvimento que hoje constitui motivo de justo orgulho. Os principais domínios da investigação encontram-se aí representados: as ciências matemáticas, as ciências físicas, as geológicas e geográficas, as químicas, as biológicas e, por fim, no setor dos conhecimentos relativos ao homem, as ciências psicológicas e sociais. Há, nesta parte, da autoria do próprio organizador da publicação, um capítulo final, como que coroando o conjunto, "A Antropologia e a Sociologia no Brasil", de que nos ocuparemos um pouco mais detidamente nesta rápida apreciação.

A leitura do trabalho não dispensa, é claro, a dos autores nele estudados; ao contrário, incita a que se tome contacto direto com os próprios textos, para melhor conhecimento das conclusões a que os cientistas tenham chegado em suas pesquisas. O empenho de quem estoça o quadro histórico dos trabalhos de Sociologia e Antropologia em terra brasileira não é, como não poderia ser, o de esmiuçar os resultados obtidos pelos homens de ciência que menciona, mas o de os bem situar na linha geral do desenvolvimento, com referência, sobretudo, às cogitações teóricas que, nesta ou naquela fase, hajam ocupado o primeiro ou um dos primeiros planos. E, ao fazê-lo, o sociólogo-historiador se estriba em informação sempre segura e precisa, à exceção de raríssimas passagens, em que, apegoando-se a minudências, o crítico pedante surpreende algum equívoco ou alguma inexatidão, como, ao afirmar-se, a certa altura, que Hans Staden passou mais de dez anos entre índios Tupí do litoral paulista, ao ser o naturalista Johann Baptist von Spix mencionado como botânico ou ao apresentar-se a Carlos da Silva Loureiro como tradutor da obra-prima de Karl von den Steinen. Pouco valeria, entretanto, catar cochilos (que dêles não escapou o próprio Homero), em lugar de pôr em destaque o positivo da contribuição.

Uma vez que o verdadeiro sociólogo é incapaz, felizmente, de escrever história sem fazer uso constante das perspectivas e dos instrumentos de análise de que o arma a sua formação especializada, compreende-se que o ensaio de Fernando de Azevedo, como há pouco sugerimos, seja a um tempo histórico e sociológico. E quem quer que o leia com a devida atenção não tardará a compreender como, do século dezesseis até os nossos dias, a progressiva substituição dos assuntos centrais e dos problemas mais intensamente investigados pelos estudiosos da raça, da cultura e da sociedade humanas esteve sempre vinculada às condições do clima histórico das respectivas épocas. Em apontar as características desta vinculação está, em nosso entender, um dos méritos mais indiscutíveis do trabalho. Mas, além disso, Fernando de Azevedo, graças à sua formação humanística, prefere encarar as ciências humanas não como disciplinas independentes, mas antes como um conjunto de estudos relacionados entre si, com vistas à so-



lução de problemas afins. E' por isso que não estuda a história da sociologia brasileira isoladamente, mas em conexão com a da antropologia, concebida esta, como deve ser, em seu sentido mais amplo e compreensivo. O desenvolvimento da arqueologia indígena como o da antropologia física merecem-lhe, assim, interêsse igual ao da etnologia e da própria sociologia. E' a primeira vez, ao que nos consta, que um especialista logrou pôr em evidência o grau de integração natural que as ciências humanas mantiveram sempre no Brasil no curso de seu desenvolvimento histórico — e com a vantagem de não sobrecarregar o quadro com pormenores inexpressivos, que apenas perturbariam a visão de conjunto.

Registra-se com satisfação o destaque conferido a abnegados pioneiros, muitas vêzes incompreendidos, que, nos tempos da Colônia e ainda no Império, foram preparando terreno e abrindo caminho, para que mais tarde, já em nossos dias, se pudessem empreender investigações mais sistemáticas. Fernando de Azevedo lhes faz justiça. Dedicou boa parte de seu estudo à contribuição etnográfica dos cronistas dos três primeiros séculos, mostrando como essa fase, pré-científica, forneceu obras hoje tidas como indispensáveis ao conhecimento das nossas culturas aborígenes. A seguir, mostra como, em concomitância com a série de grandes expedições científicas estrangeiras do século passado, pôde a pesquisa antropológica tomar, no Brasil, caráter menos ocasional e mais integrado em virtude do interêsse e do apôio que lhe dispensaram institutos oficiais, sociedades científicas e o próprio Governo Imperial. Mostra, por fim, como o desenvolvimento atual dos estudos indígenas e afro-brasileiros, bem como o das pesquisas sôbre a formação e os processos contemporâneos da sociedade e da cultura do Brasil, tomaram impulso decisivo com a fundação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, voltadas, a um tempo, para o ensino em nível universitário e a pesquisa.

De modo geral, concordamos plenamente com os juízos do autor, que, por sua vez, menciona um ponto apenas em que declara opor-se a uma opinião nossa. E' quando expõe as razões pelas quais nos últimos decênios do século dezessete e em todo o século dezoito não se produziram senão pouquíssimos trabalhos de valor no campo da etnografia brasileira. Assim mesmo, não se trata propriamente de posições contrárias, pois também nós insistíamos em que o interêsse dos que na época poderiam escrever sôbre a vida e as instituições ameríndias vinha sendo solicitado cada vez mais pelos fatos incisivos da história colonial. De outro lado, Fernando de Azevedo considera certo, por exemplo, que no século dezoito a idéia do "bon sauvage" já não enfeitiçava o branco, acabando êste por "enfasiar-se do selvagem". Além disso, a progressiva substituição da catequese pela proteção aos índios, em que se empenharam os jesuítas, a destruição das reduções e a luta contra os desmandos e a corrupção na sociedade colonial seriam outras tantas causas do referido hiato na história da etnografia brasileira. Parece-nos, a nós também, que a maioria desses fatos pode ser invocada, com sobeja razão, para a explicação do fenômeno, mas julgamos que os escritos sôbre a sociedade brasileira não vieram, pura e simplesmente, substituir-se aos relatos etnográficos dos cronistas. Uma coisa não excluía a outra, e desde os tempos de Anchieta e Gabriel Soares encontramos a vida dos colonos descrita e comentada, com relativa riqueza de pormenores, ao lado de copiosas informações sôbre os silvícolas. E se não hesitamos em reconhecer o acêrto da opinião de Capistrano de Abreu, de que a História de Frei Vicente do Salvador retrata o Brasil antes de mais nada como "expressão histórica e social", temos nessa obra, fraca do ponto de vista etnográfico, um testemunho expressivo de que a vida da Colô-



nia se impunha como objeto de estudos e de reflexão já em princípios do século 17, antes, portanto, do “largo intervalo de sombra crepuscular (1663-1800)” que se interpõe entre a fase de observações de cunho empírico e a das contribuições científicas, inaugurada com a viagem do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied.

Com notória lucidez, Fernando de Azevedo analisa como a curiosidade dos etnógrafos e dos sociólogos se foi aplicando a assuntos diferentes segundo a seqüência das fases da história sócio-cultural brasileira. Seria talvez oportuno completar-se o seu estudo com outro, em que se focalizassem os cientistas com referência ao lugar de suas contribuições em face do estado atual dos problemas que abordaram e em que se examinasse até que ponto se comprovou a validade de suas hipóteses e em que sentido continuam aproveitáveis os resultados de suas investigações — em suma, o que de concreto representa a sua obra. Haveria então margem para uma apreciação crítica das idéias de um Oliveira Viana sobre a formação racial do Brasil, das investigações de um Roquette-Pinto sobre tipos raciais na população atual do País, dos esforços de um Arthur Ramos ou de um Gilberto Freyre por determinarem um “ethos” cultural brasileiro ou, ainda, de um Emílio Willems por definir uma “cultura teuto-brasileira” nos estados meridionais. Haveria ensejo, ademais, de se discutir a situação atual de alguns temas nucleares, como o problema dos sambaquis, o povoamento pré-histórico do território nacional, a situação do negro na sociedade brasileira, os caracteres gerais da aculturação indígena — de se mostrar, enfim, quais os frutos, no plano do conhecimento sociológico e antropológico, a que nos conduziram os quatro séculos de observação e de estudos. Isto, é claro, exigiria um livro. Mas, como quer que seja, Fernando de Azevedo não deixa ao abandono o leitor. Através de abundantes e criteriosas citações bibliográficas, oferece-lhe o fio de Ariadne que o habilita a orientar-se no labirinto de autores e livros e a encontrar nas fontes as informações que não puderam ser condensadas nas páginas de um capítulo.

*Egon Schaden*

ESTÊVÃO PINTO: *Etnologia Brasileira (Fulniô — Os últimos Tapuias)*. 305 págs., edição ilustrada. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5a., Brasiliana, vol. 285. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1956.

Dentre os poucos índios “Tapúia” remanescentes no sertão nordestino, a tribo Funiô de Águas Belas (Pernambuco) se destaca pela curiosidade que vem despertando entre os estudiosos da Etnologia brasileira. Entretanto, os autores que dela trataram (Mário Melo, Carlos Estêvão de Oliveira, Th. Pompeu Sobrinho, M. H. Boudin e outros) escreveram somente artigos mais ou menos extensos sobre certos aspectos da vida tribal, sem se abalancharem a pesquisas mais demoradas que os habilitassem à apresentação de um trabalho monográfico bastante completo, conduzido segundo os princípios da ciência etnológica.

A obra de Estêvão Pinto, que pretende enfim corresponder a essa exigência, se eleva sobre base ampla: de um lado, extensa bibliografia, cuja simples relação se alonga por dezenas de páginas; do outro, “um verdadeiro estudo-de-campo” (pág. 4). Falta, é verdade, o recurso a alguma teoria antropológica moderna para uma compreensão mais profunda da cultura fulniô e da mudança a que está sujeita.